



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A CIDADE COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Noélia da Silva Gomes*
(UESB)

Ana Emília de Quadros Ferraz**
(UESB)

RESUMO

Parte-se do pressuposto que o estudo da cidade deve ser iniciado nos primeiros anos do Ensino Fundamental. A construção dos conhecimentos geográficos se dá com base em conteúdos sistematizados em sala de aula e nos significados e representações sociais que os alunos adquirem em sua vivência na cidade. A cidade onde vivemos oportuniza as bases concretas para a compreensão das relações sociais e o exercício geográfico de conhecer a cidade possibilita ao aluno se situar no espaço em que vive e se reconhecer, em sociedade, no processo de construção desse espaço. Como parte do processo de pesquisa foram observadas salas de aulas de geografia em quatro escolas de Vitória da Conquista – BA, realizadas entrevistas com professores e aplicada uma atividade didática para os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de geografia, Cidade, Espaço Geográfico.

INTRODUÇÃO

A cidade onde vivemos oportuniza as bases concretas para a compreensão das relações sociais, do acesso ao espaço para viver e das condições para tanto. O exercício geográfico de conhecer a cidade possibilita ao aluno se situar no espaço

* Licenciada em Geografia pela UESB. Professora do Instituto de Educação Maria Salomé. E-mail: noca_gomes@yahoo.com.br

** Doutora em Geografia. Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: milauesb@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

em que vive e se reconhecer, em sociedade, no processo de construção desse espaço. O aluno se sente como parte do processo quando compreende que o espaço é construído com a participação de diferentes agentes, que agem de maneira variada e, que, produzem uma gama de relações e configurações. Assim, o educando compreende-se, também, enquanto cidadão que ajuda a construir a cidade. Esse exercício deve ser iniciado nas primeiras séries do ensino fundamental e deve estar associado a aprender e ensinar a ler o mundo. A geografia tem um importante papel neste sentido.

A geografia e o processo de aprendizagem

A ciência geográfica, dinâmica na sua essência - pois tem como bases categorias como espaço, tempo, território, redes, região e lugar - possibilita a compreensão das relações totalidade/singularidade. Neste sentido Silva (1992, p. 84) ressalta:

É imprescindível que o conceito de espaço se elabore de tal forma que possibilite uma apreensão do real na totalidade de suas determinações, para que se faça teoricamente a análise e se apreenda as bases concretas da sociedade, com todo o seu movimento.

A sociedade tem passado por mudanças e transformações, sejam elas espaciais, econômicas, culturais e políticas, refletindo significativamente na educação. Santos (1988, p. 34-35) comenta que “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, “únicos”. Neste contexto, encontra-se o ensino de geografia, que também é atingido por essas transformações, pois, procura atender às necessidades das mais variadas camadas da sociedade, refletindo a respeito de conteúdos e métodos de ensino.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Atualmente, com a utilização de tecnologias que facilitam a disseminação de informações, o “mundo” é trazido para “dentro de casa” e, conseqüentemente, para a escola. Ao exercitar o olhar geográfico, priorizando o estudo da cidade, é possível reconhecer temas que por vezes passam despercebidos e analisar conceitos e categorias geográficas relacionando teoria e prática. O estudo dos processos que constroem uma cidade abarca categorias e preocupações que vão além de seus limites institucionais, pois as relações em rede requalificam esses processos. Nas palavras de Moreira (2006, p. 159):

A organização em rede vai mudando a forma e o conteúdo dos espaços. [...] Uma vez que muda de conteúdo – já que ele é produto da história, e a história mudando, muda com ele tudo que produz –, o espaço geográfico muda igualmente de forma. A forma que nele tinha importância principal no passado, já não a tem do mesmo modo e grau na organização no presente.

Na cidade, manifestam-se diferentes espaciotemporalidades, processos externos e internos e diferentes escalas conjugadas, visto que “[...] cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexos único (SANTOS, 1988, p. 35).

Os alunos são dotados de história, cultura e experiências e quando, em sua prática pedagógica, o professor trabalha o espaço histórico do educando e sua vivência ele tem recursos valiosos para as suas aulas. Todavia, quando negligencia o espaço vivido e ignora o saber do aluno o professor dificulta a interação entre o sujeito e o objeto a ser estudado e marginaliza o aluno enquanto sujeito do processo do conhecimento.

Com base no estudo da cidade o aluno é motivado a considerar suas percepções de mundo, decodificar seu universo de vivência, reconhecer sua importância local, regional e até mesmo em escala mundial, superando assim, o

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

senso comum em um claro reconhecimento de que o meio em que vive também é objeto e tema de reflexão escolar. E o professor ao tratar esse assunto passa a explorar os comportamentos dos alunos em relação ao espaço vivido, suas experiências, concepções e valores. Assim possibilita que aconteça uma relação entre teoria e prática.

Para Gallo (2008), tendo por base todo o processo de mudanças na contemporaneidade, denominada por Santos (1994, p.15) de “aceleração contemporânea”, o dilema é como trabalhar geografia em sala de aula, num momento em que os acontecimentos ocorrem em escala global e local. Essas acelerações permitem que os lugares sejam permeados por múltiplas escalas geográficas, inserindo novos elementos que modificam a organização do espaço geográfico.

Por um longo período, o ensino de geografia tinha o papel de fornecer informações sobre os aspectos físicos e humanos de variadas localidades, como nomes de rios, de montanhas, das capitais, o número de habitantes de determinados lugares etc., de maneira descritiva, totalmente estanque e sem nenhuma relação com a realidade do aluno. O enfoque maior era dado aos tópicos de conteúdo a serem ensinados: o importante era o que transmitir, sem considerar o como e o para que ensinar. Com a preocupação centrada em conteúdos descritivos, bastava que o aluno tivesse boa memória para “sair-se bem” em geografia.

Segundo Galvão (2007, p.15), “ainda prevalece no senso comum uma concepção de que o ensino de geografia é descontextualizado, distante da realidade vivida pelo estudante, dos avanços da ciência geográfica e das mudanças da sociedade em geral.”

Dando voz a concepções e práticas de muitos professores, estudiosos como Cavalcanti (2002), Castrogiovani (1998), Callai (1998), Straforini (2006), Kaercher



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

(1998), Schäffer (1998) entre outros, já vêm, há algum tempo, repensando o papel da geografia escolar buscando alternativas de renovação e inovação do ensino de geografia, quanto aos seus objetivos, principais conceitos e práticas pedagógicas. Isso no sentido de focar a apreensão e a compreensão da realidade socioespacial do aluno, assim como a ação e a reflexão sobre essa mesma realidade, conforme apontam muitos artigos, dissertações e teses recentes, mas que ainda se restringem às discussões acadêmicas, pouco permeando a sala de aula.

Sendo assim, a importância social do ensino de geografia se destaca, e esta é explicitada por Callai (1998) ao ressaltar que os principais motivos para se ensinar geografia está no compreender o mundo de forma que possa obter informações a seu respeito, conhecer a relação da tríade – espaço, homem, natureza, sobretudo despertar o senso crítico do aluno, levando-o a compreender, discutir e ter acesso à cidadania. Para Cavalcanti (1998), o ensino dessa ciência deve estar pautado na formação de raciocínios concepções espaciais mais articulados e aprofundados, dando condições ao aluno de pensar fatos e acontecimentos constituídos de múltiplos determinantes e de pensá-los mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes entre os quais se encontra o espacial. De acordo com Straforini (2006) o ensino da geografia deve considerar que o espaço está em constante movimento, e não deve ser concebido como algo parado, estático, inserido numa realidade construída e que faz parte da totalidade, levando a uma transformação social.

Segundo Callai (2003, p.60 - 61), “ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído, é isso que se espera da geografia no mundo atual. A leitura do espaço, entendido como uma construção humana permite que o aluno compreenda a realidade social.”

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem no nível fundamental, dentro da perspectiva da geografia, torna-se mais adequado e interessante para o

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aluno quando se trabalha os conceitos refletidos no cotidiano dos mesmos como elementos provocadores das transformações e/ou na qualidade de objeto destas. Uma abordagem nesse sentido torna-se mais útil porque dá ênfase à necessidade de construir um conhecimento sobre o próximo vivido, preocupando-se em justificar sua configuração, enfocando aspectos subjetivos dos quais a espacialidade encontra-se impregnada.

Sendo assim, é de extrema importância que os conhecimentos de geografia estejam articulados com o mundo vivido pelos alunos, pois, como aponta Straforini (2002, p.98),

A realidade assume nas primeiras séries iniciais do ensino fundamental o centro de todo o processo desencadeador. É na realidade que se encontra a concretude do mundo. O enfoque dado à realidade será libertador desde que não se proponha a uma descrição linear e superficial dos seus acontecimentos e objetos, mas, ao contrário, busque o entendimento, entre na sua essência e atue sobre ela, num processo contínuo de transformação.

Neste contexto, Callai (2004) aponta que a realidade, ou seja, o lugar onde se vive deve ser conhecido e compreendido pelos seus moradores, pois quando isso ocorre, acontece uma melhor relação com o espaço vivido, de forma que o indivíduo passa, a saber, nele se movimentar, trabalhar e produzir, e, sobretudo reproduzir-se também a si próprio, enquanto sujeito produtor de seu espaço. Para a autora, esta realidade pode ser a cidade (ou o município) “que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução em determinado tempo e espaço, do mundo que é o global, do universal” (CALLAI, 2004, p. 2).

Diante dessas constatações, ressalta-se a importância do ensino de geografia na formação de um sujeito crítico para o exercício da cidadania. É preciso fazer da ciência geográfica uma ferramenta utilizada na compreensão do mundo,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

que forneça subsídios que permitam ao aluno compreender a realidade que o cerca em sua dimensão espacial.

Espaço de aprendizagem: a cidade de Vitória da Conquista em foco.

Um dos maiores desafios de tornar uma prática o entendimento de que a geografia deve partir da realidade do aluno é a falta de material sistematizado sobre as cidades. A maior parte dos livros, especialmente os didáticos, trata as cidades de maneira homogênea, com conceitos generalizantes e alheios a realidade. No entanto, com a disponibilização de material específico sobre a cidade, aqui especificamente Vitória da Conquista, é possível relacionar a teoria e a prática. De acordo com um professor entrevistado:

Precisamos ir além do livro didático, pois trazem uma realidade distante da vivida pelo aluno, quando traz o tema cidade, refere-se às grandes cidades. Para tanto, ao trabalhar a cidade utilizamos fotos antigas da cidade, consultamos documentos, sites na internet (muitas vezes com dados ultrapassados) e jornais da cidade, utilizamos como consulta o livro de Mozart Tanajura “A história de uma cidade contada por ela mesma”, porém o nosso carro chefe é o livro da autora Ana Emília de Quadros Ferraz “Um presente especial – Vitória da Conquista: quero te conhecer. V. 2, este adotado como paradidático e utilizado no projeto Conhecendo a minha cidade. (P1)

Diante do que foi revelado pelo entrevistado, fica exposto o gargalo para o estudo da cidade: a carência de material específico sobre a cidade em pauta, a abordagem dos livros didáticos de geografia, a falta de mapas, entre outros aspectos. A fala também revela que os materiais editados, apesar de não serem suficientes, possibilitam abordar a cidade de Vitória da Conquista em sala de aula e estimulam o desenvolvimento de projetos. São muitas as lacunas que envolvem o

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

saber fazer dos professores que trabalham a cidade em suas aulas de geografia, principalmente devido à carência de material didático e pedagógico regionalizado, mapas, livros entre outros.

Trabalhar a geografia com base espaço de vivência implica compreender como ocorre a percepção dos múltiplos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que condicionam e intervêm na organização espacial e como esta se reproduz nas estruturas sociais urbanas influenciando o modo de perceber e de viver da população. Sobretudo, amplia as possibilidades de desenvolver o ensino da disciplina de forma contextualizada, colocando o educando como sujeito do processo ensino-aprendizagem, sendo os conteúdos desenvolvidos com base em suas experiências.

Escritos e desenhos de alunos pesquisados detectam a compreensão que os alunos têm da cidade onde moram. A análise do material de pesquisa de campo denota que quando os alunos têm contato com um material sistematizado sobre a cidade onde mora e quando é possível vivenciar esses conteúdos existe uma compreensão de várias categorias da geografia, importantes para a sua formação. Os elementos que compõem os textos produzidos pelos alunos mostram que os mesmos percebem que a cidade é muito mais que um espaço físico ou um emaranhado de construções. A cidade é um palco de relações sociais, portanto, contém materialização de modos de vida compreendendo cada sujeito elemento incluso de seu espaço.

Assim, as categorias tempo/espaço foram relacionadas ao estudo da geografia. Para 21% dos alunos pesquisados em escolas de Vitória da Conquista, é a história de origem que dá significado à cidade. O processo histórico está implícito na maioria dos textos e ilustrações, permitindo perceber a noção de temporalidade (o antes e o depois), conforme Figura 01, e as modificações ocorridas no espaço.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

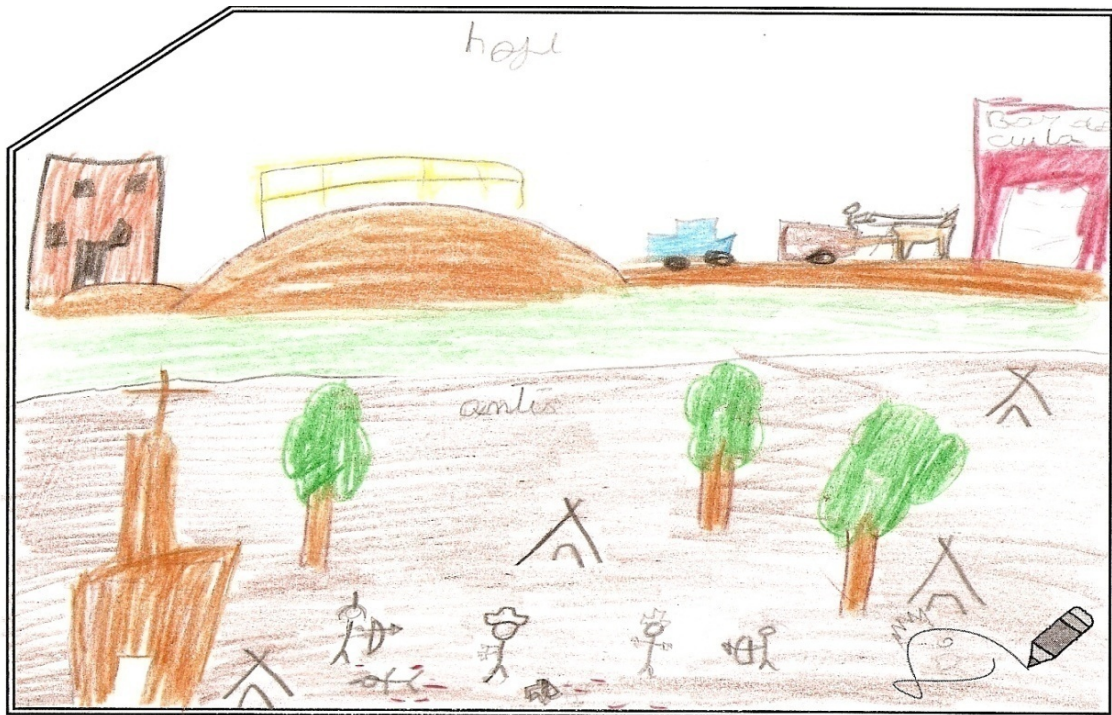


Figura 01: Representação histórica da cidade I, pelo aluno da Rede Pública Municipal de Ensino em Vitória da Conquista – BA, no ano de 2009.

Fonte: Joanderson, 10 anos

Antigamente aqui só moravam índios, muitos índios. Eles viviam na mata porque aqui era uma mata muito grande. Os portugueses chegaram e lutaram com eles para tomar as suas terras e eles morreram. Aí, derrubaram a mata e construíram casas, muitas casas e a cidade cresceram. Hoje já é bem grande, tem prédios e muitos carros. (JOANDERSON, 10 anos).

Para a maior parte dos alunos pesquisados (79%) a cidade é representada nas relações sociais, através de desenhos e relatos que anunciam a preocupação com o meio ambiente, o comércio e indústria, a violência, os problemas sociais, o lugar, a verticalização, as redes, a urbanização, o trânsito e o relevo. Esses educandos apresentam os problemas ambientais relacionados à falta de infra-



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estrutura, poluição das águas do rio e desmatamento. Essa preocupação aparece no relato de um aluno:

Vitória da Conquista é uma cidade que cresce cada vez mais. Mas o crescimento tem algumas desvantagens como o desmatamento das áreas verdes. Em Vitória da Conquista só há uma reserva florestal chamada Poço Escuro que ao redor há dois bairros pobres, os moradores jogam lixo e acabam entrando para pegar madeira e outras coisas, com isso acabam poluindo a mata. O Poço Escuro está localizado na Serra do Periperi, lá tem várias espécies de plantas, mas as pessoas desmatam para construir casas. Embaixo da cidade passa o rio Verruga ele está poluído desde a sua nascente. (KAIO, 10 anos).

A cidade é vista também como espaço de negociações. Em relatos e ilustrações de alunos é possível perceber a economia como campo de atuação humana através do comércio e da indústria. De acordo com o texto de um aluno:

Em minha cidade tem um comércio com muitas lojas, muitos pontos de alimentação, como pizzaria e restaurantes. Tem um shopping na cidade o nome dele é Shopping Conquista Sul. Lá tem muitas lojas, praça de alimentação, cinemas, brinquedos, as Americanas e a Riachuelo. Muitas pessoas fazem compras no shopping da minha cidade. (MARCOS, 9 anos).

Paralelamente, alunos que participaram dessa atividade reproduziram a cidade como um espaço de violência, assim relatado:

Eu moro em Vitória da Conquista no Sudoeste da Bahia no bairro Jurema. Meu bairro vem sofrendo várias consequências, além de ser um bairro muito pobre, vem sofrendo com a violência com muitos roubos. Precisa de mais policiais nas ruas, a cidade está muito grande e tem muitos ladrões nas ruas. (MURILLO, 10 anos).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Além da violência os alunos que participaram da atividade de pesquisa veem a cidade como um espaço com problemas sociais: falta de moradia e de assistência médica, pobreza, desemprego e falta de segurança, conforme entrevistado:

Vitória da Conquista tem crescido muito nos últimos anos e isso tem gerado mais empregos, fábricas moradias, etc. Mas, a pobreza continua e as famílias de mais baixa condição estão sendo prejudicadas. Mesmo com o aumento de moradias muitas famílias não têm um lar, nem casa própria. A cidade tem que crescer e os problemas diminuïrem. A cidade aumentou e o número de hospitais também tem de aumentar. (INGRID, 9 anos).

A questão das diferenças sociais aparece claramente no desenho (Figura 2) de um condomínio de luxo localizado próximo a um loteamento de classe baixa. Nos fragmentos e ilustrações ficam explícitos as disparidades, resultado das relações sociais, políticas e culturais de um determinado espaço.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011



Figura 2: Representação dos problemas sociais urbanos II, pela aluna da Rede Pública Municipal de Ensino em Vitória da Conquista – BA, no ano de 2009.
Fonte: Natália, 10 anos

Através das ilustrações e relatos, os alunos representaram o real apreendido, tornando visíveis suas concepções e opiniões em relação ao espaço de vivência. Os desenhos e escritos trouxeram conteúdos próprios da cidade onde se vive – sua gente, sua história, seus problemas. Os alunos, em suas imagens e fragmentos, mostraram suas relações com o lugar, aproximando-se das questões locais no âmbito político-administrativo. Eles clamam por uma cidade melhor, voltada para os problemas sócio-ambientais. Os educandos demonstram ainda, que percebem a influência do homem na transformação do espaço e sua relação com o meio natural, o que pode ser confirmado na fala do aluno Kaio, 10 anos: “Vitória da Conquista é uma cidade que cresce cada vez mais. Mas, o crescimento tem algumas desvantagens como o desmatamento das áreas verdes”.

A atividade proposta permitiu perceber que os alunos reconhecem o que acontece ao seu redor, seja pelas experiências vivenciadas, pelos saberes



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

adquiridos na escola ou pela influência da mídia. Ficou compreendido que os educandos vivenciam a cidade de diferentes formas, assim sendo, suas representações sociais não são as mesmas. Portanto, o desafio para o ensino de geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental está em buscar um processo de ensino e aprendizagem voltado para o cotidiano dos alunos, de suas representações sobre a cidade, o vivido. Isso deve ser feito por meio de mediações pedagógicas que possam desfazer as visões fragmentadas e naturalizadas dos problemas urbanos, formando cidadãos que passam a viver e compreender a cidade de forma crítica.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C. A questão social no novo milênio. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt>> Acesso em 05 dez. 2008.
- _____. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB. Seção Porto Alegre, 1998.
- _____. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/LAB2004>>. Acesso em 05 dez. 2008.
- _____. O estudo dos municípios e a Geografia nas séries iniciais. In: CASTOGIOVANI, A. C. et al. (org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. AGB. Seção Porto Alegre, 1998.
- _____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). **Ensino de geografia, práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2003. p.83-134.
- CALLAI, H. C; CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação 2003.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- CALLAI, H. C. ZARTH, P.A. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- CAVALCANTI, L. de S. (Org.) **Geografia da cidade**. Goiânia: Alternativa. 2001.
- _____. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus. 2008.
- _____. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia. **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. 7
- GALLO, Sandra. **Cidade e ensino de Geografia: contribuição a uma educação da e para a cidade**. Dissertação de Mestrado – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2008. Disponível em: <<http://www.mestradogeografia.unir.br>> Acesso em: 27 dez. 2009.
- GALVÃO, W. **Que Geografia se ensina?** – Um estudo sobre representações de Geografia segundo alunos da 6ª série do ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado em Geografia) – Curitiba: UFPR/PR, 2007. Disponível em: <<http://www.despace.csl.ufpr.br/despace/betstream/1884>> Acesso em: 04 Jan. 2010.
- KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB. Seção Porto Alegre, 1998.
- _____. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos et. al. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, Milton. Aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: **Fim de Século e Globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994 a.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.
- SCHÄFFER, Neiva Otero. A cidade nas aulas de geografia. In: CASTROGIOVANI, A. C. et. Al. (Org.). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre, 1999.
- SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, José Borzacchiello da, COSTA, Maria Célia Lustosa e DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Org.) **A cidade e o urbano**. Temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 85-92



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

_____. Estatuto da cidade versus Estatuto de cidade – eis a questão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.) **Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 29-34.

STRAFORINI, R. **A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental**: um desafio a ser enfrentado. Terra Livre, São Paulo, 2002.

_____. **Ensinar Geografia – o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume. 2006.